



## **“Os mortos não querem volta”: sentidos e usos do passado escrito na obra de Airton Maranhão.**

Ruan Carlos Mendes<sup>1</sup>

Recebido em: 18/03/2019

Aceito em: 22/04/2019

### **RESUMO**

*Os mortos não querem volta* (1999), foi o terceiro livro do escritor e advogado Airton Maranhão (1950-2015), porém toda sua obra apresenta esse desejo em mexer no passado, no morto e com os mortos. Não tomaremos nesse artigo Maranhão como um objeto de estudo, mas sim vamos perseguir a sua escrita como construtora de memórias a quem e ao que não é devidamente lembrado, constituindo-se assim numa escrita formuladora de sentidos para o passado. O objetivo é analisar a concepção de passado, suas utilidades e suas problemáticas na escrita de Airton Maranhão. Busca-se assim perceber como o autor construiu novos “túmulos” escriturários para os *mortos que não querem volta*, mas que precisam ter suas ausências inscritas no tempo dos vivos.

**Palavras-chave:** Tempo. Literatura. História

**“The dead do not want back”:** senses and uses of the past written in the work of Airton Maranhão.

### **ABSTRACT**

*Os mortos não querem volta* (1999), was the third book of the writer and lawyer Airton Maranhão (1950-2015), but all his work presents this desire to stir the past, the dead and the dead. We will not take in this article Maranhão as an object of study, but rather we will pursue its writing as a constructor of memories to whom and to which it is not properly remembered, constituting itself in a writing formulating of senses for the past. The objective is to analyze the conception of the past, its utilities and its problems in the writing of Airton Maranhão. It seeks to understand how the author built new clerical "tombs" for the *dead who do not want to return*, but who must have their absences inscribed in the time of the living.

**Keywords:** Time. Literature. History.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Mestre Interdisciplinar em História e Letras (2018) - MILH- UECE/FECLESC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0627947482271690>. E-mail: [ruan.carlos.mendes@hotmail.com](mailto:ruan.carlos.mendes@hotmail.com).



## 1 INTRODUÇÃO

Um olhar “antiquário” (NIETZSCHE , 2013) para o passado é facilmente identificado na escrita de Airton Maranhão, seja nos romances, poemas ou crônicas. Em um “incansável ajuntamento de tudo o que um dia existiu”, Maranhão procurou reunir em seus escritos nomes, personagens e fatos russanos em narrativas que, não obstante seu núcleo factual, foram tecidas com fios de ficção. Ao que tudo indica, Maranhão concebia que, “no final das contas, a ficção faz parte da realidade”, era sabedor de que “há sempre algo de fabuloso em um fato, assim como há sempre algo de factual em uma fábula” (RAMOS, 2012, p. 117). Há sempre algo de “estranho” na normalidade do real, o que é já um germen do ficcional. Desse modo, esse artigo pretende analisar como se estrutura essa *mania antiquária* na obra de Maranhão e perceber como esse autor escreve/sente o tempo (seu gastar-se).

Desse modo, a proposta desse artigo é uma abordagem que não pretende “qualificar” literariamente a escrita, mas sim investigar a delimitação do passado a partir desse olhar antiquário que fez Maranhão ter uma sede insaciável por essa dimensão do tempo (NIETZSCHE , 2013). Um tempo que sua escrita, ao se fazer, corta em presente/passado e, assim procedendo, faz sentir o tempo como “histórico”, sendo esse seu fazer literário ele mesmo inscrito na “perspectiva temporal”, no “seu tempo específico” (BARROS, 2013, p. 19). A escrita de Maranhão se faz buscando operar a configuração de um sentido histórico ao tempo passado de seu lugar. Se os mortos não querem volta, Maranhão, todavia não os quer apagados da escrita que o presente tem a ler.

## 2 A CIDADE DE RUSSAS E A OBRA LITERÁRIA DE AIRTON MARANHÃO

José Airton Maranhão Ribeiro da Silva, nascido no dia 09/09/1950, originário de Russas- CE, falecido em 2015, morou seus últimos anos na capital cearense. Formado em Direito pela Universidade de Fortaleza- UNIFOR, Maranhão dividia-se entre a atuação como advogado criminalista militante na comarca de Fortaleza e a escrita de sua obra literária. Em Russas foi membro fundador da ARCA- Academia Russana de Arte e Cultura e colunista de jornais locais- *Tv Russas e Correio de Russas*.



Indivíduos como Maranhão, comumente entendem carregar uma espécie de “fardo”, o “fardo do homem letrado”, perante “sua gente”. Um fardo que é o de escrever a história dessa gente, “salvá-la” do esquecimento. Nesse sentido, e pensando no seu campo de formação (o Direito), poderíamos metaforicamente dizer que Maranhão percebia-se como um “procurador dos mortos” no tribunal do tempo. Essa problemática do dever da memória frente ao esquecimento pode ser percebida em *Os mortos não querem volta*:

Buema prometeu tirar sua gente do corte de olho. Tinha que apressar a construção da igreja. Sete Pedras ainda era pagã. Modestos, aqueles que ali nasceram não tinham nomes de batismo, nem de nascimento, nem de casamento. Somente tinham um nome, não tinham sobrenome. Era Buema, Apolônio, Arsênia etc. Até os mortos que ali jaziam na elevação das macegas nasceram com um só apelido e morreram sem um só batismo. Que horror! Que maldição! Que desumanidade! Um ser humano por toda a vida ter somente um apelido, um só nome e nunca trazer em seu nome os sobrenomes dos seus pais e dos avós! Seria esse o pensamento profundo do padre Vitorino. A última morada daquelas pessoas não era um cemitério. Era um pequeno campo de arbusto rasteiro, sem flores, sem cruzeiros, sem inscrição, assim como um cemitério de brincadeira, ou nem mesmo um cemitério. Santo Deus! Somente o repouso do sepulcro, guarda os mistérios da vida nos disfarces de sua obra-prima (MARANHÃO, 199, p. 25-26).

Inferimos que Sete Pedras faz referência às pedras de cor ruça, uma possível origem do nome da cidade de Russas. Assim, em seu romance, Maranhão descreve esse povoado sem memória, sem história, sem referências de seus antepassados, tendo sua escrita esse dever de dotar esse povoado de memórias, de referências, ou seja, de “origens”.

Assim como Sete Pedras, com a escrita de Maranhão Russas ganharia “um cemitério de memórias”, ganharia “inscrição”, o passado poderia assim ser “lido” pelo futuro, pois toda a obra desse autor é dedicada a “ressuscitar” escriturariamente e “cuidar” dos “mortos” russanos. Desse modo, assim como o personagem Buema, vemos que Maranhão se propõe a ser também um “coveiro”<sup>2</sup>, ou seja, com a sua escrita “arrumar” e achar lugares para esses mortos. Não é nenhum acaso o “Eterno” com que Maranhão batiza seu coveiro. No entanto, ao mexer nesses “túmulos” do passado, Maranhão, de alguma forma, é desejoso que esses mortos queiram voltar, ou que ao menos não fiquem no total esquecimento. Não seria essa uma das “funções” da escrita? Encontrar “túmulos para o passado”?

<sup>2</sup> A figura do coveiro aparece outras vezes na obra de Maranhão: “E, para o espanto de todos, apareceu o esquisito coveiro Chico Eterno. Que fez lembrar do plantio de melancia, melão, feijão e milho nas catacumbas do cemitério. Motivo de muita reclamação, por partes dos parentes e familiares dos mortos. Ainda mais por irritação ao Capitão Terciano que, de súbito, perdeu a mulher Gregória. Que tomando ciência do ato criminoso, o delegado mandou os dois soldados buscar Chico Eterno” MARANHÃO, Airton. *As Pétalas da Pacarrete*. Fortaleza: Premius, 2014, p. 59.



Dessa maneira, mesmo sem ser historiador, sem ter uma metodologia, mas sempre afirmando que seus personagens e romances eram frutos de pesquisas, Maranhão dedicou-se à missão de retirar os mortos do olvido: “ressuscitar os mortos significa tirá-los da generalidade pelo poder da imagem discursiva” (RAMOS, 2014, p. 145). Vejamos o que disse o autor em entrevista no ano de 2014:

Eu escrevo e sou muito cuidadoso com o que eu escrevo, certo? Se eu for escrever uma história e ainda mais com um crime desse, ainda mais eu sendo um advogado criminalista, eu não poderia fugir da verdade, porque isso vai ficar para a história, vai ficar para o resto da vida, nós vamos morrer e nossos netos, nossos filhos tudo, e isso vai ficar como ficou esse crime, certo? Até hoje, 121 anos, então quer dizer, isso vai ficar, então eu não iria escrever uma coisa que não tivesse verdade” (referindo-se a crônica: Crime e milagres de Maria das Quengas)<sup>3</sup>.

Mesmo não fazendo a História científica, Maranhão sabia que seus escritos ficariam para a posterioridade, como afirmou na entrevista realizada em 2014, que alunos da academia já estavam interessados nos seus livros<sup>4</sup>, assim como disponibilizou recortes de jornais, com matérias sobre seus livros, que vinha colecionando, ou seja, Maranhão é criador de sua obra, mas se coloca como criatura dela, tentando também o seu lugar na história da literatura. Ele não queria ser um morto sem “inscrição” legível no futuro. Não sendo historiador de formação, Maranhão, todavia, tinha convicção de sua importância e buscava construir um lugar para si na história e na intelectualidade russana.

Podemos ter algo dessa percepção nas palavras do poeta (também ele russo) Francisco Carvalho no prefácio ao livro *Admirável povo de São Bernardo das Éguas Ruças*, onde escreveu que “a preocupação do autor com a fidelidade dos fatos torna seu livro forte e indispensável aos futuros cronistas da urbe jaguaribana”, acrescentando que Maranhão “não pretendeu fazer história do ponto de vista rigorosamente científico. Coloca, todavia, à disposição dos especialistas na matéria, prodígio manancial de fatos que aconteceram em momentos recentes da vida da cidade e do povo de Russas”, constituindo-se assim num “precioso legado” para estudos futuros (MARANHÃO, 2005, p. 10).

<sup>3</sup> MARANHÃO, Airton. Entrevista concedida a Ruan Carlos Mendes (José Airton Maranhão Ribeiro da Silva, 64 anos, entrevista realizada no dia 17/03/2014, em seu escritório de advocacia no centro de Fortaleza-CE.).

<sup>4</sup> “Os mortos não querem volta é esse livro aqui, é esse livro que aqui que lancei e foi estudo da Universidade, da UECE, por muito tempo e esgotou-se de tal forma que eu tenho acho que dois só, vou lhe dar um como lhe prometi” MARANHÃO, Airton. Entrevista concedida a Ruan Carlos Mendes (José Airton Maranhão Ribeiro da Silva, 64 anos, entrevista realizada no dia 17/03/2014, em seu escritório de advocacia no centro de Fortaleza-CE.).



Para mostrar que não estava sozinho nessa missão de “ressuscitar” os mortos e na “compilação de fatos” sobre Russas, à maneira do historiador antiquário, Maranhão cita logo nos primeiros versos de *Admirável povo de São Bernardo das Éguas Ruças*, o também escritor Limério Moreira da Rocha<sup>5</sup>, esse mais “dado” aos arquivos e a uma escrita técnica, mostrando datas, fatos e personagens: “Da beleza das éguas ruças/ Pela realeza que levo a sério/ Respeito o que diz sobre a lenda/ O nosso historiador Limério/ Mas as nossas bestas russas/ Existiram sem nenhum mistério” (MARANHÃO, 2005, p. 17). Aqui Maranhão faz referência ao debate sobre a origem do nome de Russas: se advindo da cor de certas pedras, ou se da cor de algumas bestas. Desse modo, Maranhão contesta Limério e prefere o mistério-uma ficção misteriosa-, possivelmente porque seria mais literária, do que a história factual (pelo menos a que foi escrita por Limério).

Assim, a busca por citar Limério Rocha, escritor já consagrado nesse campo da escrita memorialística de Russas, revela que Maranhão quer dotar seu texto de certa credibilidade que o nome desse seu “par” (no campo da intelectualidade local) possa oferecer. No entanto, Maranhão também quer mostrar que vai além, pois a sua escrita da “história” se utiliza de imagens literárias, poéticas e também do exercício de cronista. Ao que tudo indica, Maranhão deseja ser autor de um texto que é, num só corpo, pesquisa e arte.

Algo disto pode ser lido em *As pétalas da Pacarrete*, último romance publicado. Nesse romance, narra-se a trajetória de uma bailarina clássica, de nome Pacarrete, que rompeu as barreiras de Russas, tornando-se famosa na capital cearense, mas que no final da vida, voltou a Russas e viveu as “ruínas” de seu passado, sendo considerada louca e sem reconhecimento no final da vida: “o destino desafiava a sua felicidade. E o que estava fazendo com o cinzel do amor não era devassidão, era a dádiva abençoada pela recompensa do passado maldito, que viveu na infância e na adolescência” (MARANHÃO, 2014, p. 104). Pacarrete viveu quase todo o século XX e o autor utilizou essa personagem para “costurar” a história da cidade.

Era a vida sem progresso e sem novidade, de um povo pacato. Mas acima de tudo, religioso, ignorante e respeitador. Que poucos do lugar se alfabetizavam ou procuravam outras terras. Por que eram terras virgens, de onde brotavam imensos laranjais. E aquele que procurasse sozinho, às ocultas, se alfabetizar, era castigado, com trabalho de penitência jocosa. Porque aquele indomável pretendia abandonar os pais. No intuito de partir para o Sul do país. Para nunca mais voltar. E se voltasse,

---

<sup>5</sup> Dos livros publicados por Limério, destacamos: “Russas: sua origem, sua gente e sua história” publicado em 1976 e “Russas: 200 anos de emancipação política” publicado em 2001.



não era o mesmo nordestino trabalhador. [...] E Pacarrete vivia naquela época, que se podia acordar tranquilo com os cantos dos pássaros. Sentir o cheiro gostoso do café de com mangerioba. Andar com alpargatas de rabicho nas festas das igrejas. Dormir no alpendre da casa, com o vento a balançar a rede. Mas não podia ser diferente como Pacarrete, que dotada de intuição, explodiu na euforia do tengo-lengo, do simples triângulo, a irromper a estranha dança do balé, esquisito, desconhecido e desapropriado no momento, para aquela gente de rudeza, ignorância e arcaica. O fenômeno da dança de um balé imoral, com aquele instrumento, que usado numa combinação de sons harmônicos, para alertar a freguesia do vendedor de chegadinha, ocorreu em Russas, no ano de 1919, sete anos após o nascimento da genial Maria Araújo Lima, cognominada Pacarrete, que veio ao mundo no dia 25 de março de 1912 (MARANHÃO, 2014, p. 66-67).

Interessante notarmos também que Maranhão se alinha a Pacarrete nessa direção do sujeito que rompeu com as amarras de sua cidade, tornando-se um escritor e sempre buscando o reconhecimento. Outro elemento importante de percebemos na citação anterior, é que Maranhão buscou construir um “tempo da saudade”, ou seja, uma “Russas” que não existe mais, mas que apesar de ser descrita como sem “progresso” e sem “alfabetização”, logo em seguida é romantizada com o cotidiano vivido por Pacarrete, como sendo uma época idílica, saudosa.

Desse modo, a *ideia de tempo* construída na escrita de Maranhão, é a de um tempo que deveria ser como antes e de um passado que será sempre melhor que o presente. Porque o presente é visto como vazio de memória: “Por isso precisamos relembrar/ Nossa gente com um laurel/ Do bandido mais perigoso/ Ao cavalinho de carrossel/ Conclamando com orgulho/ Do berço a além do mausoléu (MARANHÃO, 2005, p. 20).

Além desses versos nos quais o autor explicitou sua vontade de “ressuscitar” com “glória” a cidade do passado, ao longo do livro de poemas, por dezenas de vezes as estrofes são iniciadas com os seguintes versos: “Em Russas quem não lembra”, “Quem esquece...”, “Quem merece uma estátua/ De bronze para ser lembrado” (*Idem*, p. 38).

Maranhão trabalhou em sua escrita, sobretudo, com ausências, ausentes que se tornavam presentes em suas narrativas e ganhavam um contorno de passado: “Para muita gente em Russas/ Que sem história se encerra/ Sem sequer ser louvada/ Nem na morte ou na guerra/ Os mortos serão lembrados/ Como os vivos em nossa terra// Se dos vivos aos nossos mortos/ Reverencio com mui adoração/ Com um respeito comunal/ De irmão para cada irmão/ Recebam aqui suas honrarias/ Sem zombarias e sem exaltação” (*Ibidem*, p. 43).



Já no seu romance intitulado *A dança da Caipora*, escrevendo sobre a morte, Maranhão nos deixa ler algo que podemos pensar em relação a sua “missão” de dizer do passado ao presente:

Isso não faz sentido- disse João. –A morte não renasce, ela morre eternamente sem nenhum valor. A morte só vive na morte, por ser uma estrada sem muro, sem volta. Morrer é apodrecer no abandono sem mais vida num eterno desamparo. A morte não tem amparo e nem desamparo. A tumba acalenta o morto no silêncio da podridão... Só o morto (MARANHÃO, 1994, p. 71).

Como bem sabe Maranhão, o que “acalenta” os vivos é o contar sobre os mortos. E, em certa medida, sua escrita buscou também esse acalantar aos ausentes.

Outra questão que deve ser levantada na obra de Maranhão é a concepção de verdade, pois como escritor, seu compromisso com a “verdade” poderia obedecer outros limites. No entanto, ao longo da obra, Maranhão vai pincelando o entendimento de “verdade” presente em sua escrita: “Quer saber a verdade? Escave os porões do Sobrado Azul, e reveja o passado da história do bangalô Azul” (MARANHÃO, 2014, p. 127).

Na passagem retirada de seu romance *As pétalas de Pacarrete*, Maranhão refere-se ao antigo sobrado azul que serve de ambiente para boa parte do romance e “guarda” entre suas “camadas” de terra e tempo os segredos mais misteriosos dos personagens da trama. Assim, podemos entender metaforicamente que para a escrita de Maranhão, a história tem um passado e é lá que a “verdade” está e por isso precisa ser escavado.

Também na escrita de suas crônicas Maranhão lidava com essa relação entre o “fato e a fábula”, afinal, mesmo sendo “literatura”, a crônica carrega uma obrigação de lidar com a “realidade”. Como nos lembra Ramos (2012, p. 53), “sem imaginação, nada poderia ser escrito. Mas, sem pesquisa, tudo seria falso. A verdade da ficção, no final das contas, vinha da imagem pesquisada no tempo”.

Na série de crônicas, assim como nos romances, Maranhão buscou personagens considerados exóticos ou peculiares, mas sempre afirmando o compromisso da “verdade” cobrado na escrita desse gênero, pois como se sabe “as crônicas são construções e interpretações do real; são diferentes formas pelas quais cada autor se sensibiliza e se comporta diante de um mesmo cenário, traduzindo suas experiências em linguagem literária” (DIOGO, 2005, p. 462). Nessa perspectiva, a crônica, por suas características, permitiria a Maranhão dotar a ordinariedade do cotidiano de uma *fabulação* de elementos só possíveis pelo trabalho ficcionista do escritor.



Dessa maneira, logo na primeira crônica publicada na *TV Russas*, Maranhão demonstrou esse zelo pelo “real”. “A verdadeira história do bandido Fernando da Gata”, foi esse seu título. A palavra verdade foi perseguida e colocada nas crônicas por diversas vezes, mas o emprego da “verdade” proposta por Maranhão não tem o crivo e a metodologia da escrita da História enquanto conhecimento acadêmico. Compreendemos que essa “verdade” proposta por Maranhão, é muito mais um “pacto” com seu leitor e um intento de construção de memórias. Noutra crônica, ele escreveu:

Essa história verídica da mendiga Maria das Quengas, que existiu em Russas, na segunda metade do século XIX, vem sendo contada de geração a geração, de utensílios bento a segredo dos sacrários e hóstias sagrada, de como a mendiga subiu ao céu para obrar milagres como as santas (MARANHÃO, 2018, s/p).

Ao referir-se a Maria das Quengas, Maranhão traz a sua escrita um conhecido *fato fabulado* no imaginário da cidade. Trata-se da história de uma pedinte, uma “moça velha” moradora de Russas, que após ser violentamente assassinada, no ano de 1893, teve o lugar de sua morte marcado por uma cruz e iniciou-se um processo de “santificação popular” que é vivo até os dias atuais.

Como se lê, mesmo procurando contar “histórias verídicas”, Maranhão, não se deteve em suas crônicas a narrar impressões sobre o cotidiano presente, mas sim, deu continuidade ao trabalho que já vinha fazendo nos livros: sua sede *antiquária* pelo passado, que o fazia perseguir e dotar de imagem literária os sujeitos mais exóticos e misteriosos<sup>6</sup>, mortos que, por sua escrita, ele quis trazer de volta (inscrevendo-os, por sua escritura, na legibilidade do tempo presente).

### **3 CONCEPÇÃO DE PASSADO E AS AUSÊNCIAS INSCRITAS NO TEMPO DOS VIVOS**

O diálogo entre Literatura e História tem cada vez mais ganhado reconhecimento na academia, não no sentido de dicotimizá-las, mas sim na análise do “intercambio” entre essas

---

<sup>6</sup> Airton Maranhão publicou no *site* da TV Russas de 2011 até 2015, formando um total de umas 100 crônicas publicadas. As crônicas sempre abordavam personagens rusanos, sejam eles místicos, misteriosos, lendários ou influentes na cidade. Vejamos alguns títulos das crônicas: “O mendigo bunda-de-couro”, “A reza velha Rosa do Rosário”, “O relojoeiro Juju”, “As velas de Zé Maria do Zé Ramalho”, “Padre Valério e o santo caçote”, “O bar das almas do Valderir”, “A verdadeira história do bandido Fernando da gata”, “Pacarrete a bailarina clássica”, “Não existem mais lobisomem em Russas”, “O enigma do mendigo Zé Coió”.



duas disciplinas, no sentido do que Jacques Derrida (2014) chamou de “solidariedade histórica” entre literatura e história: “Clio se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir. História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço” (PESAVENTO, 2006, p. 2).

Assim, a busca deve ser pela *experiência da escrita*, uma vez que o “escritor não pode deixar de estar envolvido, interessado, inquieto com relação ao passado, seja o da literatura, da história ou da filosofia, da cultura em geral”. A busca é, enfim, pela “historicidade” dessa experiência, pois que ela pode ser “mais significativa” do que certas práticas profissionais sobejamente preocupadas em “objetivar o conteúdo de uma ciência” (DERRIDA, 2014, p. 83-84).

Desse modo, mesmo sem o crivo da História dita ciência, Maranhão estava sempre em contato com o que compreendia como história, formulando significados a partir de sua escrita literária. Fazendo cortes no tempo para “dotar” Russas de um passado significativo e deixar de ser “uma púrpura égua-ruça que pasta despercebida do tempo...” (MARANHÃO, 1994, p. 6). Ou então para desvendar o mistério de “Sete Pedras”, localizada na região do Baixo Jaguaribe, num nebuloso século XVII, sem “inscrições no tempo” que a dessem a ler ao futuro: “Qual seria o mistério de Sete Pedras? Uma povoação com um campo santo sem flores e sem sepulturas? Freguesia profana e religiosa repovoada de sacrifícios e presságio de pecadores que esperam o caminho do céu (MARANHÃO, 199, p. 27).

Mesmo ser ter como foco a biografia pormenorizada do autor, mas sim sua experiência de escrita e sua obra, faz-se necessário pincelar essa figura, pois “a história de sua cidade transforma-se, para ele, na história de si mesmo [...] como um diário ilustrado de sua juventude [no qual] reencontra a si mesmo” (NIETZSCHE, 2003, p. 25-26). A missão de construir esse “diário ilustrado” de sua cidade e de si mesmo tem uma dupla função: uma certidão de “nascimento” para a cidade e um lugar de intelectual para o escritor. Por isso a necessidade da participação em associações, agremiações e academias que forneçam esse status social.

O fato desses indivíduos não se colocarem como historiadores não é uma simples modéstia, mas possivelmente o afastamento da necessidade de apresentar “métodos rigorosos” sobre o passado tratado em seus livros (MELO, 2013). Assim como também o grande recuo no tempo, em alguns livros, pode se configurar como uma estratégia para evitar possíveis acusações de anacronismos, esse que é tido, para o historiador, como “o pecado dos



pecados, o pecado entre todos irremissível”, nos termos já clássicos escritos por Lucien Febvre. Embora,

A bem da verdade, a escrita da história não pode escapar dos anacronismos porque a História em si mesma é anacronia, no sentido de que não existe período temporalmente homogêneo. São desiguais os ritmos e as durações das variadas conjunturas e estruturas - políticas, econômicas, sociais, culturais, religiosas, psicológicas - que compõem uma sociedade. O ato aparentemente simples de escolher o período a ser estudado significa superpor camadas temporais diferentes. Um recorte estreito, um ano, uma década ou mesmo uma geração, pode ocultar temporalidades mais lentas, caso de certos comportamentos demográficos, religiosos ou culturais (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 13).

Num certo sentido, escritas como a de Maranhão – que vão beber na fonte da fábula, do maravilhoso, etc. – buscam “aprisionar” os muitos *estratos de tempo* existentes nessas temporalidades mais lentas que o imaginário guarda (KOSELLECK, 2014). Ou melhor: mais que “aprisionar” (uma impossibilidade em si), escritas como a de Maranhão buscam manipular esses *estratos de tempo* na feitura de sua arte literária. Como bem nos lembra Jacques Le Goff (1984, p. 296), “a distinção entre passado/presente (futuro) é maleável e está sujeita a múltiplas manipulações”.

O tempo pode ser percebido nas marcas e sinais que ficam gravados: “sem as marcas dos acontecimentos, o tempo não é legível, mesmo o que vive na nossa carne, nos nossos desejos, nas nossas crenças, nas nossas ideias e ideais” (COELHO, 1996, p. 13). Assim, o tempo vai deixando sinais em outros sinais, como se fosse uma “poeira” que vai se acumulando com o passar dos “tempos”, sendo essa, aliás, uma imagem diletta de Maranhão: “Nem desenterrar ossadas da poeira dos tempos, a caça desaparecendo, o jeito é enfrentar esse monstro, nem que eu, Pedro Damião, por isso pague todos meus pecados do mundo” (MARANHÃO, 1994, p. 40).

Em sua escrita, os sinais do tempo se inscrevem uns nos outros, formando essa “poeira dos tempos”:

Poeira — matéria não muito bem definida que tanto pode se acumular sobre a pedra como, também, ser o resultado da pedra desgastada. De um jeito ou de outro, a poeira adquire forma de vestígio na medida em que passa a ser observada na qualidade de indicadora do tempo decorrido (RAMOS, 2014, p. 332).

Escrevendo, dando significância à poeira e a tudo aquilo sobre que ela se deposita, Maranhão faz justamente *sacudir* essa poeira dos tempos, buscando tornar novamente legível a escrita que ela havia encoberto. Essa metáfora da poeira dos tempos, de que faz uso



Maranhão, nos lembra de que “os ‘estratos do tempo’ também remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente” (KOSELLECK, 2014, p. 9). Num mesmo pedaço de tempo, muitos outros tempos estão incrustados.

Na obra de Maranhão o tempo é um grande personagem, sendo utilizado de diversas formas em suas narrativas e até mesmo sendo paralisado. Desse modo, fica evidente, através de metáforas, ou seja, de construções literárias, o domínio que Maranhão tem para manipular o tempo em sua escrita. Em *Os mortos não querem volta*, no dia da tão esperada primeira eucaristia no povoado de Sete Pedras, o personagem Ananias (Serpente), com um prego, “paralisou” todos os outros personagens e seres vivos da trama:

Mortas? Não! Anatomicamente não. Como que as funções vitais da morte dos organismos e dos aparelhos não acontecera. As estátuas estavam vivas num estado sonambúlico. As contrações cardíacas, imperceptíveis, tinham força suficiente para piscar os olhos, vibrar os cílios e até fazer crescer os pêlos. Muito longe de morte histológica, os tecidos e as células não fenecem lentamente. Eles permanecem no estado latente. Não diluem nem envelhecem. Quanto à morte real não acontecera. A estátua em vez de atingir o pergaminhamento da pele; manchar o verde abdominal, ter a parada completa e prolongada da circulação, não demonstrava tais indícios. Sinais do fim da vida, como qualificam os estudiosos do ofício. As estátuas humanas não aparentavam nenhum vestígio da morte que causasse qualquer suspeita. Estavam vivas, sonambúlicas, sem perder inteiramente os sentidos. Ouvindo e enxergando ao redor. Mudas, sem dizer nenhuma palavra. Emitir qualquer gesto ou agitação do corpo. Apenas a não ser as variações dos olhos e das pálpebras (MARANHÃO, 1999, p. 136).

O personagem Ananias/Serpente “picou” o povoado inteiro com o “prego caibral mágico” que causava a paralisação, porque queria receber a primeira eucaristia. Dessa forma, somente o Padre e o Serpente permaneceram em movimento: “depois das paralizações em Sete Pedras, restaram somente o padre e o homenzinho. Serpente ao pressentir que o sacerdote fugiria da aldeia ao anoitecer, paralisou o matungo do abade. Os jumentos e as potrancas de Buema” (MARANHÃO, 1999, p. 37). Todos os seres vivos foram paralisados (homens e animais), apenas os dois personagens imortais da trama continuaram a se mover.

É pertinente destacarmos que essa temática do imortal perpassa por toda a obra de Maranhão, por exemplo: o coveiro Chico Eterno e o título do livro de poemas *O Hóspede das Eras* (MARANHÃO, 2006) - livro dedicado ao poeta e crítico literário, também cearense, Dimas Macedo.

Na escrita de Maranhão, temos então um passado que nunca passa por completo, pois deixa seus vestígios na memória: “não poderíamos imaginar um presente puro; ele seria



nulo. O presente sempre tem uma partícula de passado, uma partícula de futuro. E parece que isso é necessário ao tempo” (BORGES, 1979, p. 77). O tempo precisa de conectores; sem eles, sem a possibilidade de se fazer relações, não existiria tempo, ao menos a ideia de tempo histórico.

O passado é um elemento de inquietação no presente e em nossas vidas, diz a escrita de Maranhão (1999, p. 161): “chegou a hora da abominação dos mortos povoando o coração dos vivos”. Nessa perspectiva, o passado é constantemente significado ou resignificado, ou seja, é interpretado, ganhando assim sentido nas experiências do presente. Assim, “os mortos, na verdade, não estão mortos. Os mortos são, antes, parte da nossa própria vida” (SALOMON, 2011, p. 283). Os mortos, quando escriturados, tornam-se, pois, *conectores* do tempo e, portanto, propiciadores da existência da história enquanto narrativa.

Mas a escrita de Maranhão também aponta para o futuro, onde ele quer ter lugar. Um lugar lhe dado pela literatura. Maranhão é sabedor de que o lugar do morto no tempo é marcado pela inscrição e sem a inscrição não existe legibilidade do passado no futuro. Maranhão deseja, por sua escrita, legar uma inscrição de si no tempo. Não almeja ser um memorialista, mas um literato, um escritor de ficção. Um “lapidário” no “campo santo” da arte. São percepções que sua obra nos coloca:

- O que há de extraordinário nas sepulturas?
- A inscrição dos mortos na lápide sepulcral.
- Aqui jaz?
- Diabo! Onde se viu sepultura sem inscrição? Existe algum lapidário neste povoado?
- Oh! –exclamou o padre- Não.
- Maldita necrópole sem coveiro e sem lapidário! (MARANHÃO, 1999, p. 81).

Daí, por exemplo, que ele não queria “competir” com Limério Moreira Rocha (ou outros) que escreveram sobre o passado de Russas. Ele queria mais. É interessante pensarmos na ambiguidade que é: Maranhão (ao que tudo indica) deseja ser uma voz que fala “em nome” de um lugar (Russas), é o seu “fardo”; mas, ao mesmo tempo ele não quer ter apenas as pequenas glórias que esse lugar pode lhe oferecer, ele quer glórias maiores (vindas da “pátria” da Literatura). Maranhão queria jogar uma âncora no futuro; ou seja, no tempo e não apenas na geografia do seu lugar (Russas).

Concordamos com Antoine Prost (2012) no entendimento de que o tempo na história não é tão somente uma forma de dimensionamento ou comparação, mas sim faz parte da sua



própria substância. O tempo da história perpassa pelos documentos, pelos fatos e pelas questões que são formuladas.

Na construção da história, vê-se a importância decisiva do trabalho sobre o tempo. Além de uma colocação em ordem, de uma classificação cronológica e de uma estruturação em períodos, trata-se de uma hierarquização dos fenômenos em função do ritmo da mudança de cada um deles. O tempo da história não é uma reta, nem mesmo um plano: as linhas entrecruzadas por ele compõem um relevo. Ele tem espessura e profundidade (PROUST, 2012, p. 114).

Assim, escritas como a de Maranhão, trabalham com o tempo constantemente, buscando uma narrativa como forma de “moldura” ou “túmulos” para os ausentes que não passam totalmente, pois “o presente nunca é apenas presente, um estado temporal fechado em si mesmo, mas que ele é de uma natureza flexível e não cessa de solicitar o passado e o porvir” (LORINGA, 2011, p. 137). O passado escrito por Maranhão buscava preencher os vazios (mas cheios de significados), com “os vestígios de um passado controlado pelas exigências da lembrança que se quer ter no presente, e que se deseja projetar para o futuro” (GUIMARÃES, 2007, p. 16).

Toda a escrita de Maranhão é permeada por essa solicitação do passado, inclusive na escrita das crônicas, espaço que ele poderia se dedicar mais a discutir suas impressões sobre o cotidiano. Nelas, Maranhão estabelece diálogo com seu leitor, indo do convencimento, passando pela imaginação e chegando a uma reflexão. Uma faceta sua que só apareceu nos últimos anos da produção do autor (ressaltamos que Maranhão morreu precocemente, aos 65 anos). Assim, é válido lembrarmos um personagem de Gabriel García Márquez, maior nome da literatura fantástica, segmento literário que Maranhão se inseriu. O personagem é o velho cronista de *Memórias de minhas putas tristes*:

Lá estavam minhas crônicas dominicais, como uma relíquia arqueológica entre os escombros do passado, e se deram conta de que elas não eram só para velhos mas para jovens que não tiveram medo de envelhecer. A crônica voltou então à seção editorial e, em ocasiões especiais, à primeira página (MÁRQUEZ, 2010, p. 45).

Assim como o personagem de Márquez, Maranhão se redescobriu na escrita das crônicas e trouxe muitos dos seus personagens dos romances para o universo da crônica publicada virtualmente, com horizonte de possibilidades de ser lido bastante ampliado. Como se pode perceber, transitando por diversos gêneros, Maranhão, através da literatura, buscou inscrever os personagens russos e a si mesmo no tempo.



## 4 CONCLUSÃO

Como se pode ler no que aqui ficou apontado, na obra de Maranhão (2005) é marcante a presença de um elemento que passa por todos os seus escritos, o desejo de “acumular” personagens compreendidos como históricos ou importantes para a história de Russas, inclusive os que habitam “à porta dos mistérios e do incognoscível”. Dessa forma, o autor tentou escrever ou delimitar um “passado” para sua cidade natal. Um exercício feito partindo do olhar antiquário (como pensado por Nietzsche); não no sentido de acumulação de uma cultura material, ou seja, colecionar objetos antigos, mas sim na “acumulação de personagens”, na inscrição dos rusanos na literatura e, talvez na compreensão de Maranhão, na própria História.

Maranhão utilizou para costurar sua obra literária um “fio temporal” que perpassa seus personagens rusanos, esses que, para não morrerem, foram “salvos” pela literatura. Personagens que se repetem na obra de Maranhão, sujeitos que não têm mais lugar no presente, mas que o autor deseja dar-lhes escrita e inscrição no tempo.

Lidando com as gentes ausentes de seu lugar (Russas), Maranhão buscou torná-las legíveis no presente por obra de sua escrita, e, por ela, buscou também inscrever-se a si: seja na memória de seu lugar natal, seja na escrita da história da “pátria” Literatura, esse lugar em que desejou habitar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D’assunção. **O tempo dos historiadores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BORGES, Jorge Luis. **Borges oral e sete noites**. Companhia das Letras: 1979.

COELHO, António Borges. **O tempo e os homens: questionar a história III**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DIOGO, Marcia Cezar. *O moderno em revista na cidade do Rio de Janeiro*. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2005.



FRANCO JUNIOR, Hilário. *Apresentação*. In: FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. Trad. Maria Lúcia Machado e José Eduardo dos Santos Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [pp. 9-14].

GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. *Vendo o passado: representação e escrita da história*. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v. 15. n.2. p. 11-30. Jul-dez. 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudo sobre história**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

Le GOFF, Jacques. *Passado/presente*. Trad. Irene Ferreira. In: **ENCICLOPÉDIA EINAUDI** – vol. 1 - *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

LORINGA, Sabina. **O pequeno X: da biografia à história**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MARANHÃO, Airton. **Deusurubu**. Fortaleza: Editora Verdes Mares, 1977.

\_\_\_\_\_. **A dança da caipora**. Fortaleza: Esitora Print & Paper, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os mortos não querem volta**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

\_\_\_\_\_. **Admirável povo de São Bernardo das Éguas Ruças**. Fortaleza: Premium, 2005.

\_\_\_\_\_. **O hóspede das eras**. Fortaleza: Editora Aceite, 2006.

\_\_\_\_\_. **As pétalas da Pacarrete**. Fortaleza: Premium, 2014.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida a Ruan Carlos Mendes** (José Airton Maranhão Ribeiro da Silva, 64 anos, entrevista realizada no dia 17/03/2014, em seu escritório de advocacia no centro de Fortaleza-CE.).

\_\_\_\_\_. *Crime e milagres de Maria das Quengas*. **Tv Russas**. Disponível em: <<http://tvrussas.com.br/artigo/205/crime-e-milagres-de-maria-das-quengas/>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Memórias de minhas putas tristes**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MELO, Francisco Dênis. **Os intelectuais da academia sobrelense de estudos e letras – ASEL- e a invenção da cidade letrada (1943-1973)**. (Tese de doutorado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.



PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*. In. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Débats, 2006. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2 ed. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A poeira do passado: tempo, saudade e cultura material**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula: o Ceará na escrita da História**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó-SC: Argos – Ed. Unochapecó, 2011.